

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARY: — SECÇÃO DOCTRINAL: *Um olhar sobre Lourdes*, pelo rev.^{mo} Padre P. Moniquet. — SECÇÃO CRITICA: *Lourdes em presença*, pelo ex.^{mo} sr.^a A. S. F.; — *Frades!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; — *D'aqui em diante é um olvidar sem fim*, pelo rev.^{mo} sr. Padre Antonio Vaz de Proença Norte; — *Biblia*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO HISTORICA: *Santo Eloy, Bispo de Noyon*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Bemfeita* (Descrição estatística), pelo ex.^{mo} sr. Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã* (2.^a parte) pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *Momentos felizes*, pela ex.^{ma} sr.^a M. M. — *Impressões d'um passeio*, pela ex.^{ma} sr.^a M. M. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Jezabel manda matar Naboth*; — S. Sabbas, Abbade. — RETROSPECTO.

Gravuras: *Jezabel manda matar Naboth*; — S. Sabbas, Abbade.



JEZABEL MANDA MATAR NABOTH

SECÇÃO DOUTRINAL

Um olhar sobre Lourdes

II

A MEDIDA que o facto de Lourdes se eleva no horisonte da historia e mostra a sua importancia desenhando os seus admiraveis effeitos, mais se evidencia a necessidade de fixar-lhe as diversas origens, de modo a desafiar mais tarde as negações da incredulidade e as argúcias da critica racionalista.

Todos os Bispos de Tarbes comprehenderam e reconheceram esta necessidade. O primeiro inquerito, sob a direcção e exame d'uma comissão nomeada por Mons. Laurence, fez muito para certificar a existencia e a natureza das manifestações da Gruta de Lourdes. Os seus trabalhos serviram de base ao juizo doutrinal do Bispo. Mas muitos pontos secundarios tinham escapado ao inquerito; circumstancias, testemunhas que, a principio, se podiam julgar superfluas, vinham augmentar a importancia, o interesse ao facto principal. Era urgente fazer um inquerito complementar, minucioso, antes que as testemunhas d'esses factos desaparecessem.

Mons. Jourdan expoz a conveniencia d'estes trabalhos e a utilidade d'uma historia authentica ao Soberano Pontifice, poucos annos depois da sua elevação á Sé de Tarbes. «Não sómente somos d'opinião que o inquerito, de que formastes projecto, depois de terdes maduramente reflectido, é digno da Nossa recommendação, mas ser-Nossa extremamente agradavel—respondeu-lhe Leão XIII n'um rescripto de 9 de dezembro de 1878,—que todas as pessoas que estão no caso, por seu testemunho ou por meio de documentos, de contribuirem para este inquerito, se empreguem de todo o coração, a vosso pedido, por fazer com que elle avance e felizmente attinja o fim, e correspondam assim aos vossos desejos.»

Nem uma só peça official, d'aquellas que podiam fazer luz sobre o facto, por assim dizer exterior, do acontecimento miraculoso, cahira em poder da comissão episcopal, nem nas mãos de ninguém. Comprehendo n'estas peças o auto da prefeitura de Tarbes, que abrangem os relatorios ou a correspondencia do commissario de policia, do procurador imperial, do *maire*, dos empregados subalternos, do prefeito, do ministro Roland e do proprio parochio de Lourdes. Porque esse auto, cuidadosamente colligido, fôra subtrahido a todas as investigações; e entretanto elle encerrava a historia veridica de toda a

parte humana d'este grande drama. Sem elle era materialmente impossivel estabelecer, ao menos com justiça, as responsabilidades.

Chegou-se por fim a saber onde parava esse auto e a ter-se a certeza das benevolas disposições da pessoa, a quem elle pertencia, de o comunicar. Esta circumstancia e outras da mesma natureza que chegaram ao conhecimento do Soberano Pontifice determinaram-o a animar, a apressar os trabalhos sobre os quaes devia enfim ser edificada uma historia séria, veridica, definitiva, do acontecimento miraculoso de Lourdes.

«Importa por certo ao bem da Egreja, —dizia o Papa no mesmo rescripto,— que a maravilhosa historia de tão grande obra seja não sómente conhecida, mas victoriosamente estabelecida por documentos e provas que a ponham para sempre ao abrigo de todas as duvidas e descredito. Tudo confirma a opinião de que hoje é o momento propicio para fazer um inquerito sobre estes factos: o tempo decorrido sobre a origem do acontecimento, que esfriou a paixão dos adversarios; os actos dos homens publicos, ainda conservados nos archivos; sobretudo a presença da maior parte das testemunhas que, tendo assistido ao acontecimento, podem, pelo que certamente sabem, fornecer um conhecimento completo e irrefragavel d'estes factos.»

Desejoso de conformar-se com as intenções do Soberano Pontifice, o Bispo de Tarbes, Mons. Jourdan, tratou logo de vêr a quem poderia confiar a difficil empreza. Era mister um homem que fosse ao mesmo tempo theologo, canonista e escriptor: theologo, afim de se reconhecer nas materias onde fosse necessario ter por guia a theologia; canonista, isto é ao facto das complicadissimas regras que a Egreja decretou para a investigação dos factos d'ordem sobrenatural; escriptor, afim de poder pôr ordem, interesse, vida, n'essa massa de factos e d'informações que estava encarregado de recolher.

O Padre, que Mons. Jourdan escolheu, reunia estas tres condições; religioso exemplar tanto como theologo e habil escriptor, accrescentava a estes dotes alguma coisa que não era superfluo: a sciencia das coisas divinas, que se aprende mais ainda pela pratica da oração e da humildade do que pela cultura do espirito.

Esta ultima sciencia foi-lhe eminentemente util nos seus interrogatorios a Bernadette. Nas phrassessimples, breves, lucidas da Vidente, viu logo quanta luz havia, e quanto lhe seria facil, explorando esta mina, fazer jorrar do facto de Lourdes tudo o que a sabedoria divina tinha n'elle encerrado d'ensino e de misericordia para os homens.

Com o mesmo tacto do divino, junto a um grande espirito de penetração, tendo sempre deante dos olhos as regras fixadas por Bento XIV para o exame das causas de beatificação, interrogou a longa serie de pessoas de todas as condições que tinham a depôr sobre os factos de Lourdes como testemunhas oculares. Mais de duzentos depoimentos foram por elle recebidos, isto é, escriptos por ditado da testemunha; em seguida foram redigidos, conservando-se preciosamente as expressões proprias da testemunha, quando eram essenciaes, porque são sempre cheias de sabor, d'originalidade e de pittoresco; seguidas por fim de duas assignaturas pelo menos, a do depoente e a do inquiridor.

Esta collecção de depoimentos fórma dois grossos volumes. Com o auto das peças officiaes de que acima fallamos, temos os dois livros sobre os quaes deve repousar toda a historia séria de Lourdes: sobre o primeiro, a historia do elemento divino; sobre a segunda, a historia do elemento humano. A razão exige que a impressão do inquerito preceda qualquer outra publicação. E assim se fará.

Ninguém, tanto como o distincto religioso que procedeu ao inquerito e folheou os maços de documentos relativos á questão, estava nos casos de redigir uma historia irreprehensivel do acontecimento de Lourdes. Elle a escreveu, com o processo d'inquerito na mão, reproduzindo frequentemente o proprio texto que recolheu das testemunhas, reenviando em todos os casos o leitor para a fonte, afim de que elle possa confrontar a sua narrativa com o depoimento das testemunhas.

O seu trabalho passou duas vezes pelo crivo d'uma leitura publica deante d'uma comissão de Padres melhor informados e mais no caso de se pronunciarem sobre tudo o que diz respeito á historia de Lourdes. Comprehende-se o interesse e a importancia de uma historia escripta n'estas condições. Não é impossivel que a critica encontre alguma coisa a censurar n'uma obra de tão largo folego. Quaes são as obras que escapam absolutamente á critica? No mundo dos iniciados, sabe-se que a obra fará uma profunda, feliz sensação, e espera-se a sua publicação com viva impaciencia.

Outros trabalhos collectivos ou particulares estão igualmente em preparação, tendo, como o primeiro, um caracter official e trazendo o mesmo cunho de gravidade e d'authenticidade. Se se encontrar n'estas narrativas alguma divergencia sobre pontos secundarios, lembrem-se de que é muito difficil á humana fraqueza evitar isso.

Nos Evangelhos, ditados. entretanto

pelo Espirito Santo a escriptores que tinham o privilegio da inerrancia, encontram-se opposições pelo menos apparentes que exercem a sagacidade dos interpretes. Estas divergencias de minuciosidades contribuem precisamente para pôr em relevo a unidade da trama evangelica sobre os pontos essenciaes. E' este um dos caracteres da veracidade dos Evangelhos e da certeza dos factos que elles relatam, porque demonstra que a narração é obra d'alguns escriptores testemunhas dos mesmos factos, e não uma obra d'imaginação, fructo d'um accordo preambular.

Por maioria de razão, na exposição dos factos de Lourdes, estranhos á narrativa pessoal da Vidente, é inevitavel que haja a divergencia de narrativa e d'interpretação, segundo a maneira de vêr e a diversidade de julgamento dos narradores. Que importam estas pequenas manchas, se realmente existem, no sol radioso da historia de Lourdes? Nem a impiedade, nem a chicana encontrarão n'isso nada a respirar.

O que é certo, e é para desejar que as publicações preparadas dêem este resultado, é que o grande acontecimento de Lourdes, apresentado no seu quadro verdadeiro e simples, faça reavivar o povo christão, lhe dê um redobramento d'edificação e de piedade, e mostre que se o céu é prodigiosamente magnifico no manancial de graças e de curas que saem sem interrupção d'esta fonte, foi ainda mais bello no dia em que abriu esta fonte de graças sobre a França e sobre todo o mundo.

PADRE P. MONIQUET.

SECÇÃO CRITICA

Lourdes em presença

NA GRUTA

6.^a Visita

SENHOR, por auxilio de Vossa Mãe Immaculada, mereçamos nós todos chegar á eterna patria: com Vossa dextra poderosa derribae a soberba dos pagãos e dos hereges, *paganorum et haereticorum superbiam dextrae tuae virtute prosterne*. Meu Deus; todo poderoso, minha fraqueza é maxima extrema e sem Vós nada posso, humilhame, de todo meu coração, na presença de Vossa immensidade, e adoro-Vos com a submissão e respeito devidos a Vossa tremenda e soberana magestade. Oh! magestade amabilissima do meu Deus, de minha pobre alma, de meu coração, quando elle bem formado, amae-me benevolmente.

Meu coração, ama e faz o que tu quizeres, ama.

Deus é um espirito purissimo, infinitamente perfeitissimo, eterno, immenso, misericordiosissimo, justissimo, todo poderoso, creador, supremo Senhor de todas as cousas: é preciso amar a Deus em puro espirito e verdade, justiça e caridade; onde aquella não existe, não pôde haver esta; e, por que o justo vive da fé, onde não houver esta não pôde tambem haver justiça.

Deputados acatholicos! Estes anti catholicos quaes serão elles? Pelas suas obras os conheceremos. A'hora da morte com muitissima certeza estará cada um emmaioria, como saberemos; porém, mais cedo seja-me licito, pelo menos a mim, não saber tanto. Fôra da Egreja não ha salvação: onde, pois, ha de a salvação estar? Por exclusão de partes vê-se que a salvação em nenhuma outra parte está, excepto na Egreja catholica.

Catholicismo é tudo e nada para muitissima gente. E a imitação de Jesus Christo mesmo é o objecto mais pequeno que pôde haver no mundo, — é cousa nenhuma!..

Contudo em que ficamos? Tudo é nada e nada é tudo? não pôde ser o mesmo tudo e o nada. Se deputados catholicos não ha em Portugal, em Portugal o que serão elles? Pois estamos servidos! Acatholicos serão elles?!...

Demais, não querem ser elles conhecidos! Mas para onde nos conduzirão taes deputados *acatholicos*? E que terra será essa, onde nem os padres votam pelo *catholico partido*? Digo *catholico partido* com sublinhas, porque desde muito já entendo que um catholico não pôde ter *partido*. Catholico e nada mais e catholico e nada menos. Mas, porque seria que nem os padres quizeram votar em um snr. Bispo não menos catholico? Os snrs. Bispos estarão a tal ponto depreciados? Apre! Mas estes Bispos tambem não deixam de ser padres. E porventura não somos nós todos solidarios, nós todos que somos padres? Ora, pensemos bem...

Mas em que havemos de ficar? Até na protestante Allemanha um catholico é um sabio, em Portugal o que será um catholico? Estará porventura um reino dividido contra si mesmo?...

Faltava-nos tambem agora em Portugal uma *propaganda* do registo civil pago e repago. Pois se o fazemos nós gratuitamente os parochos, então para que mais empregadagem, e para o registo não incivil de catholicos? Haverá civilidade incivil, ou civilidade contra uma civilização? Parece que não pôde ser... Porém já me occorre alguma cousa. Quando lá de tempos a tempos, mezes, e muitos, acontece alguma pessoa ir ao Brazil, ou casar fôra da fre-

guesia, ou pedir algum emprego, exige uma certidão e custa 240 réis! Pois nem isso ha de ficar a um parochos. Entregue ao civil essa grande quantia, fica *salva* esta nossa patria em perigo. Havemos de capitular pela fome! Não lamentamos a falta que o registo civil nos poderá fazer, porque duas vezes ou tres, *maxime*, por anno, 240 réis para m m, pouco me anima. Muitissima outra gente, que não será os parochos, ha de perder mais e muito mais.

Duas freguezias, tres freguezias ajudarão a velhice d'estes parochos?

Mais. Isto de aposentações dos parochos, meu Deus, o que será, por fim? Estaremos servidos mais uma vez? Os ex.^{mos} Bispos não gostam d'ellas. E nós o que havemos de querer? um monopolio tambem de parochos? Se o monopolismo continuar sendo a moda *boa* da nossa terra, nós tambem não resistiremos a este andaço. Em tal caso, bem pobres e muito embrutecidos é o que havemos de ser fatalmente, se as cousas não mudarem. Precisamos, e muitissimo, do culto externo conjunctamente com o interno, e não d'este sómente. Os parochos somos uns juizes do culto. Não consintamos aquelle sem este, nem este sem aquelle. Por um tal caminho iremos porventura bem seguros.

«Virgem, nossa guia
Sê-le, e nos a luz;
Por nós, oh! Maria,
Rogae a Jesus.»

Assim seja.

A. S. F.

Frades!

As Ordens religiosas são uns corpos de exercito na defeza e propagação da verdade, como tambem primeiros elementos de verdadeira civilização, civilizando pela fé, pela sciencia e pela arte; o céu as inspira e abençoa; sua raiz está no céu, onde não pôde chegar a mão iniqua e por isto só tem ella podido fechar materialmente conventos, mas não arrancar a raiz-claustro, que mais tarde ou mais cedo, segundo os designios de Deus, rebenta de novo e floresce, do que vemos as provas, *v. gr.* na Inglaterra, que hoje tem mais claustros e frades que no tempo da iniqua extinção decretada por Henrique VIII a respeito da qual foi dito: «que este rei tinha morto em seus estados a gallinha que lhe punha ovos de ouro!» O pauperismo na Inglaterra é filho da sacrilega extinção dos conventos, e o tributo estadístico para socorrer os pobres na Grã-Bretanha nunca conseguiu auxilia-los como eram auxi-

liados sem tributo e exclusivamente por caridade pelos conventos, cujos rendimentos e esmolas recebidas eram gastos em serviço do culto, dos pobres e parte mínima na frugal e indispensável sustentação dos individuos conventuaes; restabelecidos por iniciativa catholica os conventos na Inglaterra, mas sem que os poderes publicos protestantes lhes restituíssem a propriedade que foi usurpada por aquelles poderes á Egreja catholica, os frades fazem hoje o mesmo que faziam antes e é assim que eu vi na Inglaterra os pobres á porta do claustro com a sua tijella para receberem alimentação que lhes cessasse a fome.

Onde ha frades não ha fome, nem morre gente regelada.

Mas a revolução em sua faina diabolica nem os pobres poupa e foi assim que impiamente atacou a congregação de S. Bernardo, dos Alpes, que acudia aos perdidos n'estes montes ou enterrados em suas neves; porém aquelles congregados, embora já não reconhecidos pelo governo italianissimo como taes, continuam lá, como particulares reunidos, sua obra de caridade n'aquellas tão alcantiladas montanhas, e eu tive a dita de visitar o hospicio no alto do Monte-cenis, onde notei a recordação da visita feita áquelle hospicio pelo Príncipe Alberto que foi esposo de sua magestade Victoria, Rainha de Inglaterra.

E' sabido que o S. Bernardo, dos Alpes, não é o S. Bernardo do Claval, fundador da Ordem monastica de Cister e Padre da Egreja, ordem tão nobilitada pelas virtudes e saber de seus membros, do que dava larga noticia o seu mosteiro de Alcobaça em Portugal, e que a revolução reduziu a ruínas, indo até arrancar-lhe as lages sepulcraes para d'estas fazer passeios lateraes nas ruas d'aquella villa! Largo capitulo de bem póde ser escripto, dizendo a importancia e valia do mosteiro de Alcobaça! E como d'este convento, de todos os outros conventos, que teem a honra de ser objecto da calúnia dos maus, dos ingratos e dos ignorantes.

As abelhas, segundo seu instincto dado por Deus, escondem o modo como operam seus productos; os frades trabalham ás claras, por isso que Deus lhes deu a missão de ensino, do encaminhamento para a Eternidade e para o tempo!

O frade, passando no povoado, seja aldeia, villa ou cidade, só a sua passagem é missão, pois recorda obediencia aos santos mandamentos, e seguimento dos conselhos evangelicos; a maçonaria não quer os primeiros nem os segundos; os mandamentos são preceptivos, os conselhos são facultativos: Obedien-

cia inteira, Pobreza voluntaria e Castidade perpetua, os quaes professam os frades no claustro; é a vida de perfeição! que o mundo desconhece e lhe faz guerra em sua maldade e em sua ignorancia que tanto maior quanto mais atrevida e insolente.

Frade! é uma designação honrosissima; o mundo ou o immundo começou a metter a ridiculo e chasque a designação frade, e como é mais que tihoso, o mal pegou este até que passou como moda na sociedade moderna o dizer-se frade como uma injuria; já contamos em tempo como se passou certo dialogo entre um frade e um official do exercito; a certa altura da conversação disse o official — «os frades», e logo pediu desculpa ao seu interlocutor; este ficou no momento silencioso e seguindo logo a dialogar disse: — «os officiaes do exercito», e sem interrupção pediu vénia; o fim d'isto esteve em como se o frade dissesse: «nós os frades somos honrados com a designação de frades, como os officiaes do exercito são honrados com a designação de officiaes!» Assim o ouvimos ao excellentissimo senhor Bispo (D. Sebastião) de Angola, que falleceu Bispo Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada, cuja conversação era sempre piedosa e sabia, e acompanhada de um sal bem temperador.

Os frades na sociedade são um bom equilibrador moral.

Amo os frades por tradição, amo os frades por convicção, amo os frades por educação, pois que a casa de meus bons paes era como um hospicio de todas as Ordens religiosas ou claustraes; e não menos por isto louvo a Deus!

O muito que conhecemos a veneranda entidade claustral desde nossa juventude, tem-nos proporcionado rebaatar com sciencia certa, mentiras formuladas contra os frades; damos graças a Deus por um tal espirito de justiça e por uma tal habilitação!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

D'aqui em diante é um olvidar sem fim

QUE pensamentos desastrados, que ideias tão funestas, que horror para mim!!!

Que de lagrimas e suspiros não farei arrancar de peitos opprimidos e angustiados pela dôr causada por uma separação mais duradoura que a minha propria vida; que só acabará com a morte d'aquelles de que me separei e tambem com a minha! Sancto Deus, que disse eu? Que a separação termi-

narão com a morte d'elles e minha? Que ali terá o seu fim?

Oh! quanto se illudem todos os mortaes! Separamo-nos das restantes pessoas da familia; antes d'isso, porém, annuncia-se a todos o projecto de viajar por longinquoas praias; faz-se isto para bem de todos e não para proveito proprio, e até mais se deseja o bem alheio do que o nosso e... uns dizem que esse filho deseja separar-se da familia para, á sua vontade, livre d'ella, obrar a seu talante!... outros, que deve ter-se em consideração o quanto a familia gastou e que assim é inutil; d'além, veem-nos dizer que se tenha em conta a nossa saude; que se poupe a familia a um tão grande desgosto qual é a separação talvez (quem sabe?) para sempre!!!

Oh! para sempre... para sempre... eis o horror; para sempre, é ainda além da morte; e é tão facil essa separação!...

Devem tremer e temer tal separação, a toda a hora e a cada instante, os paes que não cuidam em proceder bem descuidando tambem d'esta fórma a educação dos filhos; que muitas vezes, mais que os proprios filhos, esquecem os seus deveres;... é, porém, insensatez lastimar e oppor-se á separação durante a vida.

Quem cumpriria os preceitos de Jesus Christo: *deixa teu pae, tua...*

Bem sei que a todos custa uma tal separação; mas a separação da morte d'uma pessoa querida e ainda a incerteza da união além-tumulo na eterna gloria!... isso atormenta, horrorisa, espanta e faz tremer, com certeza, um coração sensível e pio ao ver os desvarios e loucura de muita gente durante o curto espaço da vida. Esses desvarios e loucura devem ainda horrorisar o impio e depravado, cuja consciencia lhe dita, com certeza, que o seu procedimento o conduz ao lugar dos condemnados; que ha de unir-se depois da morte aos depravados como elle; mas que essa união será de condemnação eterna! Causa horror essa separação e essa união, sem duvida; mas a separação na vida continuando a fazer bem a todos, essa não deve custar a ninguém!

Bem sei que n'aquelle momento custa e custa deveras; e até, que d'ali em diante, é um olvidar sem fim para se poder ser superior a tudo o que nos recorda a vida passada. Não sendo assim, não poderíamos dar um passo; haveria difficuldade em irmos para o Fim, por exemplo; por isso, deixem que se cumpra a vontade do que quer separar-se; não o empeçam, visto que Deus tambem o não faz; e, depois d'isso, acalentem sempre a esperança de

que mais tarde ou mais cedo se lhe unirão em fraternal amplexo.

PADRE ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

Biblia

A descrença é um tyrano
Que detesta o genero humano.

(Amostra d'um pequeno dicionario biblico que
ha tempo organizamos)

ABANA. Rio de Damasco.

ABARIM. Quer dizer—da passagem—. E' o nome de um monte, perto das planicies de Moab, aonde Moyzès subiu a contemplar a terra da Promissão, depois do que Deus lhe ordenou que entregasse o seu cargo a Jozué, porque seus dias estavam a terminar. *V. Morte de Moyzès.*

ABDEMELECH. Servo de Sedecias. Tendo sabido que seu amo, por conselho dos principes da sua côrte, havia mandado metter o Propheta Jeremias n'um lago de lodo que havia no fundo d'uma medonha prizão para alli morrer, se foi ter com Sedecias, e fez com que o Propheta voltasse ao mundo, sendo elle mesmo o seu salvador, porque o Rei de Judá lhe disse: «Vae, toma a gente precisa, e tira-o do lago.»

ABDIAS. Propheta que predisse a ruina da Idumeia, ou de Edom ou Idom, por elle haver aggreddido a seu irmão Jacob, conjunctamente com os estrangeiros seus escravizadores, terminando por dizer que a caza de Jacob seria uma chamma que viria a devorar a de Edom que era uma palha secca. Edom ou Idom é Ezaú, irmão de Jacob.

ABDIAS. Mordomo mór da caza de Achab ou Accab. Era tão temente a Deus que se atreveu a subtrahir alguns Prophetas ao furor da Rainha Jezabel, sua ama. *V. Jezabel.*

ABDON. Successor de Ajalon. Julgou a Israel 8 annos. Teve 40 filhos e 30 netos que montavam 70 poldros; filhos de jumentas. *V. Samsão.*

ABEL. Segundo filho de Adão. Foi pastor. Sendo seus sacrificios mais agradaveis a Deus do que os de seu irmão Caim, este o matou por inveja, porque Deus o protegia mais do que a si. *V. Caim.*

ABELLA. Cidade de Israel. Quando Joab e seu irmão Abizai haviam posto cerco a esta cidade por cauza do arrojado liberalista Soba, uma mulher, de sobre seus muros, disse a Joab: «Ouvi, senhor: N'outro tempo costumava dizer-se: Os que buscam bom conselho, peçam-n'ò a Abella. E assim concluiam seus negocios. Agora pois...» E tendo-lhe o general dicto, interrompendo-a, que só queria a Seba, filho de Bochri

do monte de Ephraim, ella lhe respondeu: «Agora mesmo vos será lançada a sua cabeça do muro abaixo.» E foi. *V. Seba.*

ABEZAN. Successor de Jephthe. Julgou a Israel 7 annos. Teve 30 filhos e 30 fillas em Belem aonde vivem. *V. Ajalon.*

ABIA. Filha de Zacharias. Foi mãe de Ezequias, Rei de Judá.

ABIAM. Filho de Jeroboam. Foi por este que a mulher do filho de Nabat foi consultar o Propheta Ahias a Silo. *V. Thersa.*

ABIAS. Propheta que predisse a Salomão a divisão do seu reino depois da sua morte.

ABIAS. Filho de Roboam, filho de Salomão. Succedeu a seu pae no throno de Judá. Foi seu reinado uma serie de crimes que apenas durou 3 annos, tendo por sua morte empunhado o sceptro seu filho Aza. *V. Jeroboam.*

ABIATHAR. Pontifice-guerreiro filho de Aquimelech. Tendo escapado da cruel matança da casa de seu pae, se passou a David, a quem serviu o resto da sua vida. *V. Doeg.*

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO HISTORICA

Santo Eloy, Bispo de Noyon

(1 de dezembro)

ERA no seculo VII da era christã. Havia então nas proximidades de Limoges (França) um ourives muito perito na sua arte: chamava-se Eloy.

Conhecida geralmente a sua rara habilidade n'esta industria, foi muito acceito de Clotario II, rei de França, que lhe fez varias encomendas, e que elle desempenhou satisfactoriamente.

Dagoberto I, bem como o seu antecessor, tambem o considerou e estimou muito, nomeando-o seu ministro e thesoureiro.

Eloy, além de ser perito na ourivesaria, era distincto por suas acrisoladas virtudes christãs.

Um bello dia, Eloy quiz edificar um mosteiro em Paris, e para esse fim pediu ao rei o terreno indispensavel. Conseguiu a licença, e a obra foi terminada.

Depois d'isto conheceu Eloy que os architectos tinham occupado um pé de terreno a mais do que tinha concedido o rei Dagoberto.

Correu immediatamente ao paço, lançou-se como um criminoso aos pés do rei e pediu-lhe perdão da sua infidelidade.

Surprehendido o monarcha e com-

movido por esta admiravel delicadeza de consciencia, levantou do chão, cheio de bondade, o seu ministro, concedendo-lhe dobrado terreno para construir um novo edificio ou augmentar o que já estava concluido.

Apenas Eloy se retirou, disse Dagoberto aos seus cortezaos:

«Vêde como são fieis e exactos os que servem a Jesus Christo! Meus officiaes e governadores roubam-me sem escrúpulo provincias inteiras, enquanto Eloy treme por ter disposto, inconscientemente, d'uma pollegada de terra que me pertencia!»

Emfim Eloy foi promovido a Bispo de Noyon.

Lê-se no *Martyrologio romano* do dia 1 de dezembro:

«Em Noyon, na Belgica, Santo Eloy, Bispo, cuja vida admiravel se recomenda por um sem numero de milagres.»

Succedeu a sua consagração episcopal no anno de 640, tendo elle mais de 50 annos de idade, e governou a sua diocese até 659.

Prelado que alliava a um character ameno a vivacidade de espirito o mais amavel, beneficente, caritativo em grau extremo, homem sem prejuizos, sem ambição: eis o que foi Eloy na diocese de Noyon.

Foi o modelo dos pastores, o exemplo do seu clero, o apostolo da sua diocese, sendo estimado de todas as pessoas de bem, quaesquer que fossem as suas crenças. N'elle se achavam reunidas a gravidade pastoral e a austeridade christã.

Eloy prégou o christianismo a varios povos idolatras que ainda então havia por aquellas terras, fundou muitas egrejas e mosteiros (foi sempre este o ideal dos santos mais famosos) e assistiu com gloria n'um concilio celebrado em Chalons, no anno de 644.

A este concilio de Chalons, que foi apenas provincial, assistiram mais de 40 Bispos da França, entre os quaes os Arcebispos de Lyon, de Vienna no Delphinado, de Rouen, de Sens e de Bourges, não fallando no nosso Santo Eloy, Bispo de Noyon, que foi um dos principaes Prelados d'esta assembleia ecclesiastica.

N'este concilio se fizeram 20 canones que versam sobre diversos pontos de disciplina. Era então um tempo de lucta contra a heresia dos monothelitas, e n'aquelle seculo houve muitos concilios, a fim de condemnar os seus erros e firmar a doutrina da Igreja. Reinava na França Clovis II.

De passagem notarei que os reis d'aquelle tempo, sobretudo os da França e das Hespanhas, eram summamente zelosos pela religião, e os primeiros a concorrer para a celebração de con-

cilios. Dos Bispos é escusado fallar: todos se interessavam por essas assembleias e ali compareciam, apesar de immensas difficuldades e trabalhos.

Notarei mais que o seculo VII, em que estamos, já fica dentro da idade media, o tal tempo chamado de *obscurantismo*, de *ignorancia* e de *trevas*. Mas não é tanto assim, como eu já toquei no artigo que publiquei anteriormente ácerca de Santo Eucherio, Bispo de Lyon.

Sim, senhores: o seculo VII, bem como o V e VI, e todos os outros que se lhes seguiram, tiveram coisas muito boas; já então havia progresso.

Limitando-nos agora ao seculo VII, em que floresceu Santo Eloy, diremos que elle não foi esteril em grandes factos religiosos e em escriptores notaveis.

Teve esse seculo grandes Pontífices, Bispos, santos e reis.

Houve guerras, calamidades, erros, heresias, entre as quaes o monothelismo e principalmente o mahometismo. Mas contra estes e outros erros estavam álerta as sentinelas da Igreja: havia movimento catholico, muita força, muita vida nas almas christãs.

Feita esta digressão, volto a Santo Eloy, Bispo de Noyon, cuja diocese elle governou por espaço de 19 annos, fallecendo a 1 de dezembro de 659.

Foi o pae e o mestre do seu povo; com a predica e com o exemplo, mais poderoso que a palavra, fez florescer a igreja de Noyon.

Este santo Prelado distinguia-se até por sua sabedoria e eloquencia. Existem d'elle algumas *homelias* e *cartas* que são consideradas como peças de grande valor litterario.

Um escriptor, fallando das *homelias* de Santo Eloy, diz que «são muito tocantes, cheias de bellas imagens, verdadeiramente eloquentes, apesar da simplicidade do estylo que caracteriza a antiga franqueza.»

Não se póde dizer mais nem melhor sobre este ponto.

Como vimos, Santo Eloy tinha sido ourives e era muito perito n'esta arte; e é por isso que os ourives o tem por seu patrono.

Bom é que assim o façam; mas, sobretudo, devem imital-o nas suas virtudes.

Por ultimo convem saber que Santo Audoeno, Arcebispo de Rouen, contemporaneo e amigo de Santo Eloy, escreveu em latim a vida do nosso santo ourives. E' a vida d'um santo por um santo.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Bemfeita

Descrição estatística

(Continuado de pag. 264)

1887 Fevereiro 8. Indulto quaresmal que concede o uso dos ovos, queijo, carne, laticínios etc. (Idem pag. 98 da 1.^a serie do 5.^o vol.)

1887 Fevereiro 24. Implora do auxilio divino *pro felici partu* da Princeza D. Maria Amelia (Idem pag. 132.)

1887 Março 9. Sobre missionarios para as possessões portuguezas (Idem pag. 164.)

1887 Março 6. Sobre o augmento das esmolas da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 167.)

1887 Abril 13. Sobre o inquerito agricola (Idem pag. 259.)

1887 Maio 17. Sobre a organização das reservas (Idem pag. 321.)

1887 Setembro 26. Jubileu Sacerdotal de Leão XIII (Idem 2.^a pag. 193.)

1887 Novembro 30. Ainda sobre o inquerito agricola (Idem pag. 321.)

1888 Fevereiro 8. Indulto quaresmal concedendo o uso de ovos, queijo etc. na quaresma.

1888 Abril 16. Sobre um gravissimo attentado na freguezia das Febres (Idem pag. 308.)

1888 Setembro 4. Sobre os suffragios pelas almas no dia 30 de setembro (Idem pag. 161.)

1888 Dezembro 18. Encerramento do anno do jubileu sacerdotal de Leão XIII (Idem pag. 353.)

1888 Dezembro 15. Sobre concursos parochiaes (Idem pag. 355.)

1889 Fevereiro 12. Indulto quaresmal que concede o uso de ovos, queijo, leite, carne etc. na quaresma (Idem 7.^o 1.^a pag. 104.)

1889 Março 11. Sobre a distribuição dos subsidios ou esmolas do cofre da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 164.)

1889 Março 16. Prohibindo o acompanhamento dos clérigos aos cadáveres em caixões descobertos (Idem pag. 193.)

1889 Agosto 30. Sobre a isenção do imposto de 45500 réis nas dispensas matrimoniaes de contrahentes pobres (Idem pag. 309.)

1889 Novembro 4. Mandando que na collecta da Missa se diga o seguinte: *Regem Nostrum Carolum, Reginam Mariam Ameliam, Reginam Mariam Piam, Regioqui Domus Principes* (Idem pag. 313.)

1890 Fevereiro 12. Indulto para uso da carne, ovos, leite etc. na quaresma (Idem 8.^o 1.^a pag. 107.)

1890 Fevereiro 23. Grande Subscrição Nacional (Idem pag. 141.)

1890 Fevereiro. Distribuição das esmolas do cofre da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 143.)

1890 Outubro 28. Sobre o recenseamento geral da população (Idem 2.^a pag. 275.)

1890 Novembro 8. Sobre o tempo da remessa do rol dos confessados, Livros de Registo Parochial, Desobriga quaresmal, festas com exposição do Santissimo, procissões religiosas, casamentos (tempo e logar da celebração), ausencias de mais de quatro mezes, faltas e irregularidades nos respectivos documentos (Idem pag. 295.)

.....
1893 Março 24. Annunciando o *Boletim Mensal do Governo Ecclesiastico de Coimbra*.—(*Boletim Mensal do Governo Ecclesiastico de Coimbra, t., 1.^o*) pag. 3.

1893 Março 30. Sobre licenças e auctorisações pelo telegrapho (Idem pag. 3.)

1893 Fevereiro 20. Sobre o jubileu episcopal do Santo Padre Leão XIII (Idem pag. 4.)

1893 Março 13. Enviando ao Commissario da Instrução Primaria para serem distribuidos pelas Escolas Primarias 3:600 exemplares dos livrinhos de educação «Fé e Patria.» (*Boletim Mensal do Boletim Ecclesiastico da Diocese de Coimbra, t., 1.^o* pag. 5.)

1890 Novembro 8. Circular sobre o Rol dos Confessados, Livros do Registo Parochial, Desobriga Quaresmal, exposição do Santissimo Sacramento e casamentos (Idem pag. 21.)

1893 Abril 17. Carta á Real Academia da Historia de Madrid (Idem pag. 36.)

1887 Julho 6. Sobre os mosteiros de Lórvão e de Santa Clara e Templo da Sé velha de Coimbra (Idem pag. 49.^o

1889 Março 22. (Idem pag. 67.)

1893 Março 15. (Idem pag. 90.)

1893 Setembro 27. Sobre a nomeação do Arcypriste de Leiria (Idem pag. 103.)

1893 Março 25. Sobre os mosteiros de Lórvão, Santa Clara e Templo da Sé velha de Coimbra (*Boletim Mensal da Diocese de Coimbra, t., 1.^o* pag. 104.)

1893 Janeiro 21. Idem (Idem pag. 113-114-119-117.)

1893 Novembro 14. Sobre um casamento celebrado nullamente (Idem pag. 130.)

1893 Novembro 18. Sobre uma falta de um Parocho a respeito do Registo Parochial (Idem pag. 131.)

1893 Novembro 27. Sobre a suspensão de um Parocho (Idem pag. 132.)

1893 Novembro 29. Nomeando distribuidor das Bullas ao Arcypriste de Leiria (Idem pag. 133.)

1893 Dezembro 12. Sobre a apresentação de alguns parochos em egrejas (Idem pag. 148.)

1893 Dezembro 2. Carta ao snr. Arcebispo de Evora (Idem pag. 152.)



S. SABBAS, ABBADE

1894 Janeiro 24. Sobre subsidios do cofre da Bulla da Santa Cruzada (Idem pag. 164.)

1894 Janeiro 24. Mappa do Rendimento das Bullas da Santa Cruzada (*Boletim da Diocese de Coimbra*, t. 1.º, pag. 168.)

1893 Maio 22. Sobre os mosteiros de Lorvão e de Santa Clara e o templo da Sé velha (Idem pag. 169.)

1894 Junho 20. Carta a Sua Magestade a Rainha D. Amelia (Idem pag. 54.)

1894 Maio 3. Recommendando para as Escolas Primarias a «Biblia das Escolas» (Idem pag. 56.)

1894 Outubro 3. Carta ao snr. Arcepyreste da Pampilhosa sobre a cultura do tabaco (Idem pag. 117.)

1894 Setembro 5. Sobre o livro «Lições de Izagoge e Hermeneutica» (Idem pag. 119.)

1894 Novembro 16. Louvores ao Parocho das Alhadas (Idem pag. 132.)

1895 Janeiro 15. Sobre Aposentação Parochial (Idem pag. 165.)

1895 Março 7. Sobre o dia de S. João (*Boletim Mensal do Governo Ecclesiastico da Diocese de Coimbra*, t., 3.º pag. 3.)

1895 Março 5. Offerecendo até réis 100\$000 a quantia necessaria para auxiliar o congresso nacional de tuberculose (Idem pag. 8.)

1895 Discurso no Congresso Catholico Internacional de Lisboa (Idem pag. 65.)

1895 Agosto 19. Carta a Sua Magestade El-Rei (Idem pag. 88.)

1895 Novembro 18. Nomeando Arcepyreste para o Districto Casal-Comba (Idem pag. 129.)

1895 Novembro 26. Distribuição de subsidio da Bulla da Santa Cruzada para egrejas pobres.

1895 Novembro 27. Participando que adianta o dinheiro para as obras de Santa Cruz (Idem pag. 132.)

1896 Janeiro 27. Indulto C. 1.º, esmal que concede o uso de ovos, queijo, leite, carne etc. (Idem pag. 161.)

1896 Janeiro 27. Carta ao snr. Coronel de Infantaria 25 (Idem pag. 162.)

1896 Janeiro 2. Fevereiro 8 e 11. Discursos proferidos na Camara dos dignos Pares do Reino (Idem pag. 177.)

.....

POSTURAS MUNICIPAES

As Posturas municipaes antigas d'este concelho datam de 25 de janeiro de 1857 e constam de 80 artigos que versam sobre edificios, ruas, balcões, janellas, carros, estrumes, transitos, imundicies, animaes, taberneiros, medidas, moleiros, pesos, aferidores, agueiros, serventias, ratoeiras, cães, gados, porcos, multas, denuncias etc.

As actuaes constam de 104 artigos, que tratam do seguinte:

Artigo 1.º e 7.º Usurpação de terrenos.

- Art. 2.º Donos de propriedades.
 Art. 3.º Caiamento de paredes.
 Art. 4.º Entulhos.
 Art. 5.º Limpeza das ruas.
 Art. 6.º Despejos nas ruas.
 Art. 7.º e 1.º Proibições. (Art. 12.º
 13.º e 5.º
 Art. 8.º e 9.º Dono de animaes.
 Art. 9.º e 8.º animaes damnados.
 Art. 10.º Ferradores.
 Art. 11.º Sujamento de paredes.

(Continúa).

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

V

Maria

A Mãe por excellencia,
 Que nos sorri no alvorecer da infancia,
 Ao pé da omnipotencia
 Exhalando purissima fragrancia,
 Que recreia, deleita e extasia,
 Por fórma tal, que póde só, Maria.

Tão pura, immaculada,
 Como pelo seu Deus omnipotente
 P'ra sua Mãe guardada
 Desde ab aeterno na divina mente,
 Pura, formosa, santa, tão querida,
 Como aurora do sol da eterna vida.

Formosa entre as mais bellas,
 E, entre as mais ternas mães, a mãe amante,
 Das mães e das donzellas
 O typo mais cabal e fulgurante,
 Que as defende, consola e fortalece,
 Se bem a invocam em sentida prece.

Exemplo de virtudes
 As mais bellas, mais altas e fulgentes,
 E lá nas altitudes
 Pairando dos talentos eminentes,
 Humilde se nos mostra e caridosa,
 Sempre do nosso bem a mais zelosa.

—Não me direis amante,
 Oh! Virgem, quem sois vós, que tão formosa
 Apareceis radiante,
 Tão meiga n'este mundo carinhosa
 Nas villas, nas aldeias, nas cidades,
 Dando mimo e deixando saudades?

—A Mãe de Deus clemente
 Eu te digo, meu filho, quem me manda
 Ao mundo instantemente
 Do amor dos peccadores em demanda;
 Porque vos ama com amor tão grande,
 Que sente vosso amor perdido que anda.

Tanto Jesus vos ama,
 Amante Pae, mui rico e generoso,
 Que sempre, sempre clama,
 Buscando, para vós, o eterno gozo
 D'este amor paternal, que, quem disfructa,
 O triumpho alcança, quando amante lucta.

Eu, como Mãe, sou vossa,
 Q' o vosso bem mui fervida desejo,
 Euer o meu Filho possa
 Mil favores fazer-vos bemfazejo,
 Que reparte sómente aos seus amantes,
 Sem perguntar o que elles foram antes.

Sou vossa Mãe, que terna,
 Sempre do roda de meus filhos ando,
 Paz e ventura eterna,
 Para vós, meus filhos, sem cessar buscand.:
 Como uma Mãe, que terna, carinhosa
 No bem dos filhos sobremodo gosa.

—Sois, Virgem, no desterro
 Onde nós tristes imos suspirando
 Luz que nos livra do erro.
 Afago maternal, tão puro e brando
 Achanos em gostar vossas caricias,
 Que formam nossas graphicas delicias.

Crndida flor mimosa,
 Guardada pelo Pae omnipotente
 No seio, para Esposa,
 Do seu divino Espirito esplendente,
 E do seu Filho Mãe querida e pura.
 Sois a mais bella, excelsa creatura.

Sem Vós os nossos lares
 Seriam ermos, sem amor, sombrios,
 E os cultos nos altares
 Escassos, tristes, em extremo frios:
 Porque Vós sois, Virgem, Mãe, Senhora,
 Do devoto e santo amor a iniciadora.

Fazei, oh! Virgem pura,
 Que o sacerdote siata reverente
 A protecção segura
 Da Mãe de Deus, quasi omnipotente,
 E que o poeta os teus louvores cante,
 Como teu filho e mui cordeal amante.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Momentos felizes

(Offerecidos á minha amiga F. P.)

FOI n'um dia sereno e bello como os
 de primavera que eu e uma mi-
 nha amiga intima, uma amiga que não
 mancha este sublime nome, e em quem
 tantas existencias amarguradas pelo sof-
 frer encontram verdadeiro lenitivo ás
 suas dôres, caminhava alegre e con-
 tente por vêr approximar-se o lugar
 que pela vez primeira iamós visitar, e
 que o coração me dizia que seria feliz,
 pois havia n'aquelle formosissimo re-
 cinto um Seminario-collegio dirigido
 por missionarios da congregação do
 Espirito Santo; por esses heroes do
 Christianismo que o mundo respeita e
 admira pelas suas acrisoladas virtudes
 e vastissima sciencia.

Perto, muito perto, avistamos a torre
 do santuario; e o meu coração, á pro-
 porção que se approximava do formo-
 sissimo lugar, pulsava d'alegria! Até
 que alfim chegamos á Formiga. Que
 bella vista! Que silencio! E' na ver-
 dade mansão de justos! Podêsse eu fi-
 xar alli a minha residencia! Como a
 vida alli se me deslizaria feliz! Entrei
 no magestoso templo cujas imagens da
 Virgem de Lourdes, SS. Coração de
 Jesus, Santa Rita, S. José, Santo Agos-
 tinho e Santa Thereza de Jesus, são
 admiraveis, arrebatadoras.

D'ahi a pouco appareceram os Se-
 minaristas acompanhados de dous pa-

dres para resar o terço e fazer o offi-
 cio. A's quatro horas tornaram outra
 vez á egreja, e houve benção com o
 SS. Sacramento acompanhada a orgão
 e cantoria.

Terminou tudo com o hymno: — Cá
 na terra ha momentos felizes, que nos
 dão um vislumbre do céu etc... Oh!
 como eu estava feliz! Eu que, sempre,
 no meio dos divertimentos só encontro
 aborrecimento, enfado e tédio, alli es-
 tava plenamente satisfeita, infinitamen-
 te feliz! Ao contemplar as physionomias
 dos seminaristas e dos dignos padres,
 disse: eis a virtude, salve! Meu cora-
 ção deu expansão ás puras alegrias
 que o enebriavam e as lagrimas inun-
 daram-me os olhos e chorei de felici-
 dade, de jubilo e ventura! Julgava me
 até indigna de contemplar aquellas
 crianças santificadas por uma educa-
 ção toda christã que aquelles dignos e
 virtuosissimos padres lhes incutem no
 coração com a pratica e exemplo da
 virtude! Depois d'examinar por miudo
 o vasto santuario e passeiar n'aquella
 formosissima estancia, despedi-me do
 santuario e de tudo com vivas sauda-
 des, anhelando occasião opportuna de
 lá voltar.

E se Deus me permittir ainda gosar
 alegrias puras, será voltando á For-
 miga cujo logar me encanta, arrebatada
 e attrahe!

Oh! como n'aquelle santo templo e a
 contemplar aquellas almas puras e fer-
 vorosas, meu coração se elevou a Deus
 dando-lhe infinitas graças pelo bem in-
 comparavel que nos concede, dando-
 nos, n'estes tempos de descrença, pa-
 dres tão virtuosos e sabios que nos
 guiem pelo meio da escabrosa estrada
 da vida!

Que Deus os proteja e livre de tan-
 tos inimigos que sem cessar os perse-
 guem, é o meu ardente desejo, é o vivo
 anhelado do meu coração.

M. M.

Impressões d'um passeio

ERA n'um dia de maio, n'um d'es-
 ses dias em que a primavera, rai-
 nha das estações, ostentava todas as
 suas galas, todos os seus primores, to-
 dos os seus encantos! Era o dia 15 de
 maio, dia que eu jámais olvidarei pe-
 las gratas e suavissimas alegrias de que
 inundou a minha alma e coração! O
 céu, d'um azul transparente e limpo,
 mostrava um sol tão brilhante como
 raras vezes apparece, e eu, e as mi-
 nhas companheiras, n'esse dia feliz,
 despertamos ao romper da alva com o
 doce e alegre trinar das avezinhas, em

cuja linguagem parecia-me ouvir-lhes: levantai-vos, vesti-vos que o carro vos espera.

Fomos. Do Telhado a S. Torcato é um passeio delicioso n'uma manhã de primavera. A natureza, a prodiga natureza com toda a louçania apresentava um aspecto encantador, deslumbrante! Os campos verdejantes, as bordas e as mattas estavam todas enfeitadas de flores! Aqui apparecia uma moutinha de violentas a espreitarem por entre as hervinhas, mais adiante um jardim de miosotis alegres e festivas a baloiçarem-se nas tenras hastes; mais alem outras mil florinhas criadas pela mão do Eterno, e cuja belleza e encanto nos obrigavam a louval-o e bemdizel-o. Chegamos a S. Torcato. Que sitio encantador! Vastos terreiros muito arborisados e com muitos escadarios, ladeados por magnificos tanques d'agua deliciosa, fazem dar ingresso ao magnifico templo em construcção que é um assombro, uma maravilha da arte! Dirigi-me para a capella onde está S. Torcato, ajoelhei diante d'elle e com viva fé pedi-lhe por mim, por todas as necessidaes conhecidas, entrando n'este numero o nosso querido Portugal. Como estava feliz diante de S. Torcato!

Porém a necessidade que tinha de retirar-me d'aquelle vergel de delicias veio eclipsar a minha ventura, e fez-me soltar este brado: não ha rosas sem espinhos! Seguimos para Guimarães, berço d'Afonso Henriques, e de lá fomos á Costa vêr o collegio de S. Damaso. Gostei immenso de lá, com quanto aquelle sitio me não fosse totalmente estranho, pois na minha infancia tinha lá ido á boa e alegre romaria de S. Thiago da Costa. Os ex.^{mos} directores do collegio receberam-nos cavalheiramente, e tiveram a amabilidade de nos offerecer o almoço que nós tomamos com bom appetite. Depois ss. ex.^{as} mostraram-nos o collegio que é realmente uma magnifica casa muito confortavel e hygienica. N'esses poucos instantes que lá me demorei, dizia-me a phantasia que alli não era possivel entrar a doença com suas azas destruidoras. Fomos visitar o mosteiro que é um templo magestoso e está reedificado de novo e até com bastante asseio, devido ao zelo nunca desmentido do rev.^{mo} parochio d'aquella freguezia. Fomos vêr uma enorme preza que pertencia aos frades e perto d'ella existe ainda uma soberba carvalha do tempo de D. Mafalda. Não me quiz retirar sem uma recordação d'aquella arvore gigantesca e historica, e cortei-lhe umas folhinhas que com muito sentimento perdi. Deixamos a Costa com saudade e voltamos para Guimarães com o coração repleto de gratidão para com tão illustres, virtuosos, e delicados Padres. Em Gui-

marães dirigimo-nos para a Senhora d'Oliveira a visitar o SS. exposto, e vêr mais uma vez a magestade d'aquelle sumptuoso templo que possui a pia em que foi baptizado D. Affonso Henriques, e outras preciosidades historicas. Oh! que impressões senti em minha alma ao vêr o altar onde recebi a Jesus pela primeira vez! quando vi o confissionario em que tantas vezes recebi a absolvição dos meus peccados! Oh! que gratas recordações!... Mas tambem que saudades d'um tempo que não volta! Mas, sobretudo, que saudades por um ente tão querido que o decorrer de 27 annos ainda não pôde apagar nem sequer desvanecer da idéa—a minha mestra, a minha mãe, a minha amiga a quem, depois de Deus, devo tudo que sou, se acaso possuo algum sentimento bom em minha alma. Oh! que seria de mim sem essa mão protectora que com tanto desvelo e carinho fazia por plantar na minha alma as virtudes que ella em subido grau possuia: a humildade, a pureza, a modestia e a mansidão; mas eu era tão indomavel! e tanto mais a affligia quanto maior era o cuidado que ella tinha em me fazer uma christã ás direitas.

Foi a minha mestra que me ensinou a fazer pela primeira vez o exame de consciencia; foi ella que com santos ensinios e exhortações me preparou para eu fazer a primeira communhão. Oh! quanto lhe devo! Se eu morresse no dia da minha primeira communhão! como eu era feliz e como a minha mestra ficava bem recompensada do trabalho que teve commigo!

Chorei muito em Guimarães, mas lagrimas como aquellas não as troco pelas maiores alegrias d'esta vida! E' que ellas eram um tributo de gratidão e saudade áquella a quem depois de Deus devo tudo; e quando as lagrimas são vertidas com estes sentimentos, não ha alegrias a que possam comparar-se. Feliz de mim se todos os dias chorasse lagrimas tão puras, tão justas, tão santas. Depois seguimos para Braga, para essa cidade risonha e bella como o vestido de noiva. Ao aproximar-me da cidade augusta, da rainha do Minho, da Roma portugueza, como a denominavam os crentes, senti o coração pulsar-me de alegria e do amago do coração soltei esta phrase: — salve, rainha do Minho! salve! Entrei, e as minhas companheiras; na risonha cidade e na rua da Ponte, viam-se pessoas muito atarefadas a estender damascos nas janellas. Nossos corações pulsavam d'alegria e perguntavamos umas as outras: que é isto? como somos felizes! e d'ahi a pouco apparece uma linda procissão—era o SS. aos entrevados. Assistimos a duas importantes festividades, uma na Sé, outra nos Terceiros. Depois fô-

mos ao Bom Jesus; visitamos o lindo santuario e capellas para ganharmos as indulgencias concedidas a quem se confessa e visita aquelle santo lugar. Deixamos o Bom Jesus com muitas saudades e promettemos-lhe lá voltar muito breve, já que alli não podiamos ficar para sempre.

A' penna mais bem aparada não lhe é possivel dar uma idéa, ainda que mesquinha, do que é o Bom Jesus do Monte; por isso a minha cae-me da mão e nada diz, porque o que é ella comparada com qualquer penna? nada absolutamente. Voltamos para Braga muito satisfeitas e n'esse mesmo dia tivemos a incomparavel ventura de sermos admittidas na Pia associação das filhas de Maria, no proprio altar da associação, na egreja dos Remedios. Oh! como fui feliz, apesar da minha indignidade! Nunca mais esquecerei um dia de tanta felicidade—o dia 18 de maio! Deus permitta que eu nunca transgrida as promessas que alli fiz á Virgem!

Regressamos a nossas casas com os corações repletos de jubilio por tantas e tantas graças que Jesus se dignou conceder-nos durante o nosso trajecto: e se Elle não permittir o contrario, para o anno, no mez de maio, lá vamos visitar a sympathica e formosissima Virgem dos Remedios, o Bom Jesus do Monte, e todas as mais preciosidades que contém a cidade augusta de Braga.

M. M.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

RECEBEMOS até ao fasciculo 5 do *Catecismo de Perseverança*, do rev.^{mo} Padre J. Gaume, que o benemerito editor portuense, snr. Antonio Dourado, traz em publicação.

Como se sabe, este *Catecismo* é a exposição historica, dogmatica, moral, liturgica, apologetica, philosophica e social da religião desde a origem do mundo até nossos dias.

A' medida que os fasciculos publicados se vão lendo, o interesse da obra vae augmentando.

Adquiril-a, pois, é uma necessidade para aquelles que queiram dar razão da sua fé.

Recommendamol-a, portanto, mais uma vez aos nossos leitores. O seu editor continua a receber assignaturas. Cada caderneta custa 100 réis; e, para a provincia, o pagamento é de cinco em cinco cadernetas, mandando o editor o recibo pelo correio para facilitar a cobrança aos seus assignantes.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Jezabel manda matar Naboth

(Vid. pag. 271)

ACHAB queria aformosear as suas residencias e fazer ostentação da sua grandeza. Esmerava se principalmente no seu palacio de Jezrahel, proximo do qual tinha Naboth uma vinha que o rei desejava ajuntar á sua propriedade.

Um dia disse a Naboth: «Dá-me a tua vinha para eu poder fazer d'ella uma horta porque está pegada á minha casa. Dar-te-hei outra melhor ou, se preferires, dar-te-hei em dinheiro o que ella vale.» Naboth respondeu-lhe: «Deus me livre de te entregar a herança de meus paes, em contrario da lei que me prohibe que a aliene.»

Achab vendo que Naboth considerava um dever de consciencia conservar o seu terreno, entendeu que o não poderia obter por nenhum preço. Entrou no palacio irado e triste, deitou-se no leito e virou-se para a parede sem querer comer, como se lhe acontecera uma grande desgraça.

Jezabel, sua mulher, sabendo como elle estava, veio ao pé d'elle e disse-lhe: «Porque estás triste? Que tens? Porque não comes tu?» E quando soube que todo o seu desgosto era motivado por Naboth lhe não ter querido ceder o seu patrimonio, acrescentou motejando: «Parece que tens bastante auctoridade em Israel e que és o senhor no teu reino! Levanta-te pois e come socegado; porque eu me encarrego de te entregar essa vinha que ambicionas.»

Immediatamente escreveu cartas em nome d'Achab, sellou-as com o sinete do rei e mandou-as aos anciãos e principaes da cidade de Naboth. As cartas tinham por objecto mandar publicar um jejum para cobrir com todas as apparencias de piedade o crime que premeditava. Depois do jejum haviam de fazer sentar Naboth no meio dos principaes do povo, como para tratar d'um negocio importante, e deviam suscitar contra elle duas testemunhas falsas que o accusassem de ter blasphemado contra Deus e contra o rei. E como a lei punia este crime com a pena capital, devia ser logo conduzido para fóra da cidade e apedrejado.

Houve homens sem honra nem religião que não trepidaram diante da infamia que lhes era proposta. Subornaram testemunhas e fizeram executar a iniqua sentença que prepararam. Quando Jezabel soube da morte de Naboth foi dizer ao rei: «Naboth de Jezrahel não te queria ceder a vinha, mas eu busquei meio de o fazer condemnar á morte e de lhe confiscar os bens. Agora

que elle já não existe e que foi apedrejado por crime de lesa-magestade, a vinha e tudo quanto elle tinha te pertence.»

Achab tomou immediatamente posse d'aquelle terreno que elle tão ardentemente cobiçara, mas o Senhor deu ordem ao propheta Elias para que fosse logo dizer ao rei: «Mataste Naboth e apoderaste-te da sua vinha. Este crime não ficará impune. No mesmo lugar onde os cães beberam o sangue de Naboth hão de elles beber o teu proprio sangue.»

O rei, querendo desviar esta sentença, da qual bem conhecia a rectidão, disse ao propheta: «Acaso me declarei teu inimigo para me fazeres taes ameaças?—Não se trata de mim, respondeu Elias, mas sim do Senhor que irritaste com o mal que fizeste na sua presença. E' por este motivo que elle hoje te diz por minha bocca: «Eu vou fazer cair sobre ti todas as calamidades mais horriveis. Riscar-te-ei a ti e á tua posteridade do numero dos vivos; exterminarei todos os teus filhos desde o primeiro até ao ultimo em Israel; aniquilarei a tua casa como as de Jeroboão Baasa. Os cães devorarão Jezabel junto ás muralhas de Jezrahel, e tu, se morreres na cidade, também serás devorado pelos cães, e se morreres nos campos serás devorado pelas aves do céu.»

Estas palavras impressionaram o coração d'Achab. Rasgou os vestidos, cobriu-se de cilícios, jejuou e fez penitencia debaixo do sacco e da cinza. O Senhor, em attenção ao seu arrependimento, mandou-lhe dizer pelo seu propheta que não faria cair sobre a sua casa os males com que o ameaçara enquanto elle fosse vivo, e que a sua sentença só havia de ter execução no reinado de seu filho.

* * *
S. Sabbas, Abbade

(Vid. pag. 277)

Nasceu S. Sabbas no anno de 439 na aldeia de Mutalasca, no território de Cezarêa, de Cappadocia: era filho de João e de Sophia, ambos considerados no paiz por sua nobreza e virtude. Seu pae era official nos exercitos do imperador, e commandava uma companhia de isauros. Como por então estalasses na Allemanha dissensões, foi enviado João a apazigual-as, e sua mulher Sophia acompanhou-o. A demora, a que se viam obrigados, suggeriu-lhes a ideia de deixarem seu filho Sabbas, de cinco annos apenas, debaixo do cuidado e direcção de Hermidas, seu tio materno. O menino, ainda que mui paciente, não pôde aturar o mau humor de seu tio, que o tractava descaroavel-

mente, o que o moveu a retirar-se tres annos depois para casa de outro seu tio, chamado Gregorio, irmão do pae, o qual vivia na aldeia de Scandos. Esta preferencia occasionou uma breve desintelligencia entre os dois tios, pretendendo cada um a pessoa do sobrinho para com ella se apossarem da administração dos seus bens patrimoniaes. Muito embora o sancto contasse apenas oito annos, scandalizou-se de semelhantes contestações, cuja occasião resolveu tirar: n'este designio retirou-se para o mosteiro de Flaviano, a uma legua de Mutalasca. A physionomia insinuante do joven preveniu em seu favor os monges, que o receberam com satisfação, e se encarregaram de o educar. O empenho do moço, sua inclinação para a virtude, sua applicação e innocencia taes progressos lhe facilitaram nas sciencias e na perfeição, que desde então se começou a suspeitar que estava alli um dos mais florescentes ornamentos da vida cenobitica. Este retiro reconciliou os dois tios: a tactica mudou, porque um e outro envidavam todos os esforços para arrancar de lá o sobrinho; mas o moço protestou-lhes que nada seria capaz de o demover do passo que tinha dado, pois sempre havia de preferir as vantagens da vida religiosa a todas as conveniencias do seculo.

Partiu para Jerusalem no anno de 417, e passou o inverno no mosteiro de S. Passarião, onde sua rara virtude se fez imitar tanto, como a de S. Basilio. Os monges não esqueceram meio algum para o deterem: mas o amor que tinha ao retiro, ao silencio e á austeridade, indicou-lhe a preferencia do mosteiro de Lutynio. Este santo abba-de, ao vel-o tão joven e tão delicado, não quiz admittil-o em sua laura. Este mosteiro, de grandes proporções, estanciava a quatro leguas de Jerusalem e alli viviam os monges separados, como no dia d'hoje os cartuxos, cada qual em sua cellasinha. O santo abba-de enviou-o todavia a outro mosteiro, que dependia d'elle e do qual era superior S. Teoctisto. Vendo-se o nosso santo em uma comunidade, onde reinava a mais santa disciplina religiosa, só em Deus se occupava, e aspirando sem cessar á mais alta perfeição por meio de um fervor sempre novo, veio a ser em poucos dias modelo dos mais adiantados. Gastava os dias no trabalho, e as noites escoavam-se-lhe na oração. Tão recolhido andava e tão unido com Deus, que o trabalho corporal era uma sublime prece: fazia tudo com notavel espirito de penitencia e de caridade, até se encarregar de levar aos outros a agua e a lenha, necessaria a seus irmãos. Alliviava a quantos andavam empregados nos varios officios da casa;

dizia-se que Sabbas fazia o serviço de todos os outros. Tinha um cuidado particular dos doentes, e no meio de tantas e tão variadas occupaões, era sempre o primeiro no coro.

Morto o abbade Teoctisto, obteve o sancto licença de Santo Eutímio para se retirar a uma solidão maior ainda. Encerrou-se em uma gruta, onde passava cinco dias sem alimento, occupado unicamente na oração e no trabalho de mãos: obrava ordinariamente dez cestinhos por dia, e aos sabbados levava seus cincoenta cestinhos ao mosteiro, onde passava os domingos com seus irmãos; de tarde levava consigo os ramos de palma, de que necessitava para trabalhar nos cinco dias seguintes, com os quaes lá ia metter-se na gruta. S. Eutímio, que chamava ao nosso sancto moço-velho, como elogio de sua virtude e sabedoria, retirava-se com elle todos os annos no dia 14 de janeiro para o deserto de Ruban, onde era tradição que o Salvador tinha passado os quarenta dias depois do seu baptismo: ambos permaneciam ali até domingo de Ramos em um espantoso jejum, exercitando todos os rigores da mais espantosa penitencia.

Como, porém, se introduziu a relaxação no mosteiro de S. Teoctisto, Sabbas retirou-se d'elle por uma vez, e foi-se para o deserto do Jordão, viver perto de S. Cerásimo.

Havia formado uma ideia tão elevada do sacerdocio, que estava persuadido de que sem uma eminente virtude ninguém podia ser promovido a esta alta dignidade, da qual não só se reputou indigno em toda a sua vida, mas persistiu na convicção de que nenhum dos seus discipulos tinha bastante virtude para exercel-a. Esta piedosa rigidez desagradou a muitos dos seus religiosos, e foi accusado d'este pretendido delicto perante o patriarcha; accrescentando que era nimiamente escrupuloso e muito simples para ser seu superior, pedindo que lhes nomeassem outro. Sallustio, patriarcha de Jerusalem, informado do merito singular do nosso santo, fingiu dar ouvidos a suas queixas. Na manhã seguinte ordenou ao santo que viesse vê-lo com todos os seus religiosos. S. Sabbas, que descobriu o que se passava, apresentou-se na residencia do patriarcha á frente da communidade: todos os religiosos estavam prevendo que o abbade seria deposto; mas ficaram surprehendidos ao ver que o patriarcha, depois de lhe ter conferido na presença d'elles todas as ordens sacras, o ordenou de presbytero; e acabada a cerimonia disse para os discipulos de tão grande mestre: Este é o vosso superior; não foram os homens, foi Deus que o poz n'este emprego. Eu pela minha parte só fiz de me-

ro instrumento do Espirito Santo para lhe conferir o sacerdocio. Honrai-o como a vosso pae, e obedecelhe como a vosso superior. Depois d'este incidente veio com elles para a laura, onde sagrou a egreja que S. Sabbas havia mandado edificar.

Finalmente o Senhor quiz recompensar os merecimentos do seu servo: caiu doente, e teve revelação da sua morte. O patriarcha foi visital-o em sua ultima enfermidade, e vendo a falta que de tudo havia na pobre cella, mandou-o transportar a uma casa visinha que dependia d'elle. O santo obedeceu; mas conhecendo que o seu fim estava proximo fez-se transportar á sua cella sinha, onde morreu da morte dos justos, nos braços de seus filhos, a 5 de dezembro de 531, de mais de noventa e dois annos de idade.

Seu corpo foi sepultado em meio de sua laura com uma pompa religiosa, que correspondia á fama de sua santidade; acharam-se presentes a suas exequias muitos Bispos e um grande numero de solitarios. Deus volveu glorioso seu sepulchro com uma infinidade de milagres.

Suas reliquias foram ao depois transportadas para Veneza, onde estão em grande veneração.

RETROSPECTO

Fallecimento do Bispo de Maiorca

Após poucos dias de leves padecimentos falleceu respectivamente no dia 14 o virtuoso Prelado D. Jacintho Maria Cervera y Cervera, Bispo de Palma de Maiorca, que ha pouco fulminou com a excommunhão o ministro hespanhol Revertera.

O dr. Losada, governador de Maiorca, e medico assistente de S. Ex.^a, visitou o illustre enfermo e não ligou importancia á sua doença, por julgar que se tratava d'um dos ataques de *grippe*, proprios da estação.

A' noite o Prelado deitou-se á hora do costume sem que ninguém notasse a menor novidade; mas na manhã do dia 14, ao entrar no quarto o capellão para o despertar, viu que o Prelado estava morto.

Chamados os medicos, Losada e Alvear, estes, ao examinarem o cadaver, disseram que a causa da morte fôra sem duvida uma paralyisia do coração.

O finado tinha 70 annos; e era de construcção robusta.

A autopsia ao cadaver confirmou o diagnostico d'aquelles medicos.

Não é exacto, segundo uma carta particular, que os acontecimentos de Lluch minassem a sua existencia e fos-

sem causa d'esta perda lamentavel para a Egreja de Hespanha.

Aquelle assumpto tinha-o perfeitamente tranquillo e esperava uma justa solução com grande serenidade, confiado na ajuda de Deus e no seu direito. Descance em paz o illustre Prelado!

Mais um milagre em Lourdes

Com a indiferença natural dos que não crêem nos milagres, um ministro protestante certificou-se do grande numero de curas realisadas na milagrosa Gruta durante a permanencia em Lourdes da recente peregrinação franceza: o infeliz tinha um filho cego de nascimento, e uma occasião disse, entre varios protestantes: «Se a Virgem curasse meu filho, então acreditava em milagres e até abjurava.»

O ministro protestante foi ha dias para Lourdes com certa confiança e fé na milagrosa agua. Algumas pessoas notaram com surpresa a presença do pastor protestante na Gruta da Virgem, e a estupefacção foi geral ao ouvirem que elle dizia em alta voz e posto de joelhos: «Virgem Santissima, curae meu filho, e eu creio e abjuro.»

E, com effeito, passados alguns momentos, o ministro protestante viu que os olhos de seu filho se abriam pela primeira vez, graças ao contacto da agua milagrosa, na qual nunca acreditou.

E' indescritivel a impressão que causou este milagre ao pastor protestante, que por sua vez abria os olhos á verdadeira luz. A abjuração do protestante e a sua entrada na Religião catholica será outro milagre mais que teremos que juntar á lista que publicam estes dias os jornaes francezes.

Bem apanhada...

O seguinte *suelto* é do nosso presado collega de Lisboa, *O Correio Nacional*:

«A *Voz do Operario* ralha contra a camara de Torres Novas, porque não pagou ainda aos operarios que trabalharam n'uns festejos de 8 de julho. Tem razão. Se não tinham dinheiro para pagar aos trabalhadores, não fizessem festas.

Mas o mesmo jornal faz umas affirmacões de todo o ponto injustas.

O Estado está dispendendo com os operarios, com excepção que a muitos parece odiosa, quantias fabulosas só com o pretexto de dar-lhes trabalho. Pretexto apenas, porque trabalho... pouco lhe exige. Ha milhares e milhares de trabalhadores do campo que atravessam crises tremendas, que se sujeitam a uns salarios insignificantes e que trabalham, não as 8 horas que exigem os operarios, mas do romper do dia até vir a noite.

O Estado não lhes dá cinco réis, nada dispense com elles, antes vae pedir-lhes contribuições em dinhe ro e em trabalho.

E a respeito de festas e *grandes*, chamamos a attenção da *Voz do Operario* para a estatística que ainda ha pouco publicamos. N'uma capital onde os *grandes* dão tres ou quatro recepções durante um inverno; onde os burguezes, nos seus clubs, teem tres festas no anno, n'um só domingo, houve, além de outras diversões, 115 *bailes nos Clubs Operarios de Lisboa*.

E isto repete-se todos os domingos e dias santos e segunda-feiras. Ainda bem que não é ao sabbado, pois teria outra significação.

Como se vê, serão *pobretes*, mas *alegretes* são com certeza. E não nos venham argumentar com theatros Quem dá a maior receita para as touradas, mesmo quando são á semana?

Quem vae a alguma espera de touros, fica admirado da quantidade de operarios que lá vê. Perdem meio dia para assistir áquella *pandega!*...

Os *grandes* vão a D. Maria? P bre D. Maria... Quando tem meias casas, isto é, um decimo dos frequentadores do Colyseu, é um successo. Vão a S. Carlos uma pequena epoca do anno, mas pagam-no carissimo e sem subsidio do Estado, felizmente.

Além d'isso, e apesar de tudo o que deixamos dito, ainda os *grandes* se julgam obrigados a socorrer por todos os meios os estropiados dos bailes operarios, e os famintos da espera de touros, e enquanto esses berram, querendo tudo para a sua *miseria*, aquelles estabelecem asylos, dispensarios, socorros nos domicilios, conferencias de S. Vicente, cosinhas economicas, associações protectoras e mil meios de acudir ás urgencias dos imprevidentes.

Sustente cada um os seus interesses, mas faça-se justiça a todos.»

Sacrificio d'um missionario

As *Missions catholiques* publicam a narrativa d'uma viagem do rev. Padre Maria José do Sagrado Coração, Carmelita, superior da missão de Bagdad. Fallando d'esta cidade, que outr'ora desempenhou um grande papel, o Padre Maria José lembra as terriveis epidemias que a teem assolado, e narra como um missionario fez o sacrificio da sua vida para obter de Deus a cessação do cholera:

«... Além das pestes terriveis de 1773, de 1831 e de 1887, Bagdad foi tambem dizimada por duas grandes epidemias de cholera em 1846 e 1889. As familias christãs fallam ainda do sacrificio heroico pelo qual o Padre Affonso, Carmelita descalço, superior da missão, obteve do céu a suspensão

do flagello. O cholera apparecera no principio do mez d'agosto; o grande calor accelerava os seus estragos; os habitantes morriam aos milhares, o panico era geral.

O Padre Affonso soccorria os moribundos; mas, com o coração desolado pelo terrivel espectaculo que tinha sob os olhos, supplicou instantemente a Nosso Senhor que acceitasse o sacrificio da sua vida para salvar a de tantos infelizes.

No dia 30 de setembro, no fim da sua missa, voltou-se para os assistentes, com o rosto radiante, e disse-lhes:

«Meus irmãos, animo, a epidemia vae terminar. Morrerá tambem uma pessoa muito conhecida em Bagdad; será a ultima victima». No dia seguinte elle era attingido pela molestia e morria no dia 2 de outubro, quarenta e oito horas depois da sua predição. Com effeito esta foi a ultima victima: a epidemia desapareceu completamente. A memoria do Padre Affonso é ainda venerada pelos christãos de Bagdad como a d'um santo.»

Socialistas arrependidos

Como socios activos entraram no circulo catholico de Ferrol, Hespanha, dois individuos que se distinguiram como socialistas.

Oxalá que muitos se desenganem das utopicas theorias dos partidarios do socialismo, doutrina perturbadora cujas consequencias os primeiros a experimental-as são os filhos do trabalho. No seio do catholicismo não encontrarão exploração, mas caridade; não a tyrannia disfarçada na redempção, mas fraternidade; não a falsa fraternidade do liberalismo em todas as suas manifestações, mas a verdadeira fraternidade do Evangelho.

A imprensa catholica

Ha perto de dez annos um piedoso catholico dirigiu-se a um Bispo allemão, entregando-lhe a quantia de vinte mil marcos, para a reconstrucção da vetusta igreja do seu povo natal, e pediu-lhe para o cabido administrar aquelle dinheiro e accumular os seus juros até chegar á quantia precisa para a obra. O Prelado perguntou-lhe:

—Na sua povoação existe um hospital catholico?

—Não, Monsenhôr.

—E um jornal catholico?

—Tambem não.

—Nem um circulo de operarios catholicos?

—Não, senhor.

—Pois bem; se n'isso consentir, com o seu dinheiro construir-se-ha em dez annos a igreja, fundar-se-ha o hospital, formar-se-ha o circulo operario e se publicará o jornal, que desde o seu

primeiro numero principiará a fazer propaganda para o hospital, para a igreja e para o circulo de operarios.*

Assim se fez; fundou-se o jornal com duas edições por semana; no segundo anno publicou-se tri-semanalmente, e no quarto anno começou a sahir seis vezes, contando com um numero consideravel de assignaturas.

Pouco depois fundou-se o circulo de operarios; a sua situação é hoje tão prospera que a direcção pensa em comprar uma casa.

O pequeno hospital conta dous annos de existencia, floresce bastante e em breve será sagrada a igreja; o dia da sua inauguração coincidirá com o decimo anniversario da publicação do jornal.

Convém, pois, repetir aqui as bellas palavras do Prelado que occupa a cadeira episcopal de Montevideu:

«A imprensa catholica é o ponto de partida da lucta pela defeza da fé, e o impulso da mesma é que nos salvará.

«Sem ella se mallograrão os nossos esforços e todos os sacrificios que se façam em pró da santa causa.

«Tal é a necessidade dos tempos presentes: o obulo da assignatura a um jornal catholico é mais meritorio e vale mais nas actuaes circumstancias que o que se dá para a creação d'um templo ou d'um asylo.»

Propaganda espirita

No dia de todos os Santos, no cemiterio de Barcelona, uns individuos distribuiram uns folhetos espiritas sob o titulo—*A morte não existe*. O facto é inaudito, vergonhoso e irritante.

A missão do Padre segundo o Soberano Pontifice

Os circulos catholicos, patronatos, associações parochias e escolas são em nossos dias o campo que deve cultivar o Parocho, e em geral todo o sacerdote.

Um dia que o snr. Harmel fallava a Leão XIII da organização dos circulos christãos de estudos sociaes, o Papa manifestou a sua satisfação ao vêr essa approximação do operario ao Padre para estudarem juntos os interesses do trabalho. «E' preciso—acrescentou—que o Padre saia da sacristia e se misture com o povo para exercer n'elle a sua benefica influencia.»

N'esta occasião dizia a Mons. Doutré, Bispo de Liège: «E' necessario que exhorteis os Padres a que se juntem com o povo, pois não devem ficar recolhidos na igreja e na sacristia, mas animar-se do espirito apostolico de S. Francisco Xavier, que ia d'um a outro paiz para prégar por toda a parte o Evangelho.»

Em Portugal sente-se cada vez mais a necessidade d'este interessantissimo labor do Padre.